



A LITERATURA EM PERIGO: CONSEQUÊNCIAS DA LEITURA PRAGMÁTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Daniel Batista Lima Borges
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Thayssa Nathash Nascimento da Silva
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Resumo: A crescente onda de censura literária no Brasil e no mundo evidencia uma tendência preocupante de restrição ao pensamento crítico e à diversidade de vozes na literatura. Este artigo analisa o impacto da leitura pragmática na recepção e no cerceamento de obras literárias, discutindo como essa abordagem tem sido utilizada como justificativa para censura, especialmente em contextos políticos conservadores. Utilizando como estudo de caso a proibição do romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, em escolas de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná, o trabalho explora como leituras moralistas e utilitárias reduzem a literatura a uma ferramenta de controle ideológico, desconsiderando sua função estética e formativa. Baseando-se em reflexões de Antonio Candido, Terry Eagleton e dos formalistas russos, o artigo diferencia a leitura literária da leitura pragmática, demonstrando como a literatura, ao contrário do que alegam os censores, tem um papel essencial na ampliação da percepção do mundo e na formação crítica dos leitores. Por fim, discute-se como a instrumentalização da literatura para fins morais e políticos compromete sua liberdade interpretativa, reforçando a necessidade de preservar o caráter plural e transformador da leitura literária.

Palavras-chave: Censura Literária; Leitura Pragmática; Leitura Literária; *O avesso da pele*.

Literature in Danger: Consequences of Pragmatic Reading in Contemporary Brazil.

Abstract: The growing wave of literary censorship in Brazil and around the world reveals a troubling trend of restricting critical thinking and the diversity of voices in literature. This article analyzes the impact of pragmatic reading on the reception and suppression of literary works, discussing how such an approach has been used as a justification for censorship, especially in politically conservative contexts. Using the banning of the novel *O avesso da pele* by Jeferson Tenório in schools in the Brazilian states of Mato Grosso do Sul, Goiás, and Paraná as a case study, the article explores how moralistic and utilitarian

readings reduce literature to a tool of ideological control, disregarding its aesthetic and formative roles. Drawing on reflections by Antonio Candido, Terry Eagleton, and the Russian formalists, the article distinguishes literary reading from pragmatic reading, demonstrating how literature—contrary to what censors claim—plays an essential role in broadening one's perception of the world and fostering critical thinking in readers. Finally, it discusses how the instrumentalization of literature for moral and political purposes undermines its interpretive freedom, reinforcing the need to preserve the plural and transformative character of literary reading.

Keywords: Literature Censorship; Pragmatic Literature, Literary Reading; *O Avesso da pele*; Antonio Candido.

Introdução

Em tempos de ascensão de discursos conservadores no Brasil, a literatura tornou-se alvo recorrente de censura, sobretudo quando confronta preconceitos estruturais ou questiona normas morais difundidas por agendas ideológicas. A leitura pragmática — que reduz o texto literário à sua utilidade imediata ou ao seu impacto moral — tem sido usada como justificativa para restringir o acesso a obras fundamentais, esvaziando sua complexidade estética e simbólica. Casos como a tentativa de censura ao clássico infantil *O Menino Marrom*, de Ziraldo, em Joinville (SC), em 2021, ilustram a tentativa de barrar narrativas antirracistas sob a alegação de “conteúdo ideologicamente inadequado”.

Um dos episódios mais emblemáticos é o veto ao romance *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, em escolas públicas de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná, em 2024. A narrativa acompanha Pedro, jovem negro que revisita a trajetória de seu pai, Henrique, professor de literatura assassinado em uma abordagem policial. A obra denuncia o racismo estrutural e propõe a memória como resistência, sendo censurada sob pretexto de conter “linguagem inapropriada” e tratar de “temas sensíveis” como racismo e sexualidade (G1, 2024). A censura à obra escancara o esforço de setores conservadores em silenciar vozes dissidentes.

Essa ofensiva se alinha a um contexto global. A *American Library Association* (ALA) documentou a proibição de milhares de títulos entre 2022 e 2023 nos Estados Unidos, principalmente obras que tratam de raça, gênero e direitos humanos. No Brasil, o moralismo disfarçado de preocupação pedagógica ameaça a liberdade de expressão e o direito à literatura. Como alerta Antonio Candido (2004), a literatura humaniza ao permitir o contato com dilemas sociais e morais que extrapolam a experiência individual,

função comprometida quando o valor do texto é julgado apenas por sua suposta adequação moral.

Este artigo analisa os efeitos dessas leituras restritivas, diferenciando a leitura literária da leitura pragmática, e explorando o modo como esta tem sido usada como ferramenta de censura. Com base em Candido, Terry Eagleton e nos formalistas russos, discute-se a instrumentalização ideológica da leitura, seus impactos contemporâneos e a importância de preservar a dimensão crítica e transformadora da literatura em tempos de crise.

O artigo configura-se como um estudo teórico-analítico que parte da hipótese de que a leitura pragmática tem sido instrumentalizada para legitimar a supressão de vozes literárias dissidentes em contextos de censura contemporânea. Para demonstrar essa hipótese, tomo como estudo de caso o romance *O Averso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório, cuja proibição em 2024 nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná revela a força das leituras moralistas que pretendem eliminar do espaço escolar uma narrativa premiada que denuncia o racismo estrutural. A escolha dessa obra se justifica por sua relevância estética e temática, ao articular memória, violência e resistência com linguagem literária sofisticada, e por sua inserção direta no debate público sobre censura, servindo como contraponto concreto às proibições analisadas ao longo do artigo.

No desenvolvimento do argumento, adota-se procedimentos de leitura inspirados no *close reading*, isto é, uma leitura atenta de passagens-chave do romance que busca apreender a construção das vozes narrativas, dos personagens, da temporalidade e da linguagem. Essas análises pontuais são articuladas à discussão teórica sobre a oposição entre leitura literária e leitura pragmática, mobilizando autores como Antonio Candido, Viktor Chklóvski, Terry Eagleton e os formalistas russos. Assim, a parte histórico-conceitual sobre censura e instrumentalização da literatura dialoga com a interpretação estética das cenas do romance: a análise do corpus ilustra como a leitura literária, ao valorizar o estranhamento e a ambiguidade, entra em conflito com apropriações moralistas e utilitárias que fundamentam a censura.

Censura em disputa: leitura literária e leitura pragmática em conflito

Censura é o ato de suprimir ou restringir expressões, ideias ou obras com o objetivo de controlar o debate público e limitar a liberdade de criação. Como aponta

Muniz Sodré (2002, p. 54), é preciso distinguir entre a censura autoritária e as formas legítimas de regulação que visam proteger a dignidade humana. No Brasil, setores da extrema-direita têm distorcido o conceito, acusando de “censura ideológica” toda crítica a discursos de ódio, seguindo estratégias importadas da ultradireita norte-americana. Nesse cenário, torna-se inaceitável que ideologias autoritárias como o nazismo como afirma Adriana Dias (2022, p. 77), o próprio nazismo extinguiu essa liberdade ao promover perseguições e destruição de toda forma de pensamento crítico.

A leitura literária, por sua vez, se distingue por seu caráter estético e interpretativo, permitindo experiências subjetivas que vão além da simples transmissão de informações. Diferente da leitura pragmática, centrada na função imediata e utilitária do texto, a leitura literária opera na zona do simbólico, do ambíguo e da fruição estética. Como destacam os teóricos da estética da recepção, como Iser (1996) e Jauss (1994), a literatura não oferece sentidos prontos, mas convida o leitor a construir significados a partir de seu repertório e vivência.

No contexto atual de censura, essa distinção é crucial. Obras literárias vêm sendo interpretadas de forma literal e moralizante, como se deveriam reforçar normas sociais ou evitar temas “sensíveis”. Tal abordagem transforma a literatura em instrumento de controle ideológico, esvaziando seu potencial crítico. A leitura literária, ao contrário, estimula o questionamento, a imaginação e a empatia — qualidades incompatíveis com os projetos que pretendem silenciar a diversidade de vozes¹.

Leitura literária x leitura pragmática: teoria, estética e ideologia

A distinção entre leitura pragmática e leitura literária é fundamental para compreender as implicações ideológicas da recepção dos textos. Enquanto a leitura pragmática reduz a obra a sua utilidade imediata, seja como ferramenta moral, educativa ou de entretenimento, a leitura literária valoriza a complexidade estética, a ambiguidade

¹ A leitura literária distingue-se da leitura pragmática por sua complexidade estética e interpretativa, promovendo uma experiência que transcende a transmissão de informações utilitárias. Antonio Candido (2004) destaca seu papel humanizador, permitindo ao leitor confrontar dilemas sociais sem a exigência de respostas normativas. A estética da recepção (ISER, 1996; JAUSS, 1994) enfatiza a construção de sentido pelo leitor, enquanto Gumbrecht (2010) propõe a “produção de presença”, ressaltando os efeitos sensoriais da literatura. Essas abordagens demonstram que a literatura não se reduz ao conteúdo explícito, mas mobiliza subjetividades e amplia horizontes críticos.

e a liberdade interpretativa. Essa distinção está no centro da crítica literária moderna, especialmente nos estudos dos formalistas russos e em teóricos como Terry Eagleton.

A definição de leitura não-pragmática, central para a teoria literária, encontra suas raízes nos formalistas russos e é desenvolvida em diálogo com autores como Terry Eagleton. Segundo os formalistas, liderados por Victor Chklóvski, a literatura não deve ser lida de forma utilitária ou funcional. Chklóvski (1917) afirma que a arte, incluindo a literatura, tem o propósito de "singularizar" os objetos e prolongar o ato de percepção, enfatizando que a experiência estética é um fim em si mesma. Esse estranhamento, ou *ostranenie*, diferencia a linguagem literária da linguagem cotidiana, destacando sua função autorreferencial.

Terry Eagleton, em *Teoria da Literatura* (2003), reforça a ideia de que a literatura deve ser compreendida como um discurso que fala de si mesmo, desvinculado de propósitos práticos imediatos. A leitura não-pragmática permite que o texto seja explorado tendo como referência sua própria forma, em sua riqueza de metáforas e significados, transcendendo os limites do utilitarismo.

Entretanto, Eagleton (2003) destaca que a literatura não possui uma definição fixa, como certas concepções dos formalistas russos podem fazer entender. Por exemplo, o estranhamento seria historicamente variável e dependente da recepção do leitor e não sendo especificamente restrito à literatura. De acordo com Máximo (2014, p.3),

Para Eagleton, há problemas ao pensar 'em estranhamento', já que todos os tipos de escrita podem ser estranhos. Literatura pode ser tanto uma questão do que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas. Alguns textos nascem literários e outros vão se tornar Literários com o tempo. Poder-se-ia considerar Literatura também como um discurso não pragmático, que une uma espécie de linguagem que fala de si mesma. (Máximo, 2014, p.3).

Mesmo assim, o teórico reconhece que, de um lado, a literatura depende da desautomatização da linguagem, intrínseca à ideia de estranhamento e de uma leitura não-pragmática. Por outro lado, o autor subentende que a leitura pragmática seria o uso automatizado e banal da linguagem, na qual as palavras são consideradas em função de uma ação prática, e não chamaria a atenção para si mesmas. Em "A arte como procedimento", o formalista russo Viktor Chklóvski, é possível encontrar a seguinte definição:

O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da

singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já "passado" não importa para a arte. (Chklovski, p. 45, 1917).

Essa concepção de arte como prolongamento do ato perceptivo dialoga com a ideia de Eagleton sobre a leitura não-pragmática: ambos sugerem que a literatura desafia o leitor a abandonar uma abordagem automática e utilitária, engajando-se em uma experiência estética profunda. Enquanto Chklovski destaca o estranhamento como um meio de evitar a banalidade perceptiva, Eagleton enfatiza que a leitura não-pragmática transcende o uso funcional da linguagem, permitindo que o texto seja apreciado por sua forma, metáforas e ressonâncias simbólicas.

Eagleton, exemplifica a distinção entre uma leitura pragmática e uma leitura não-pragmática ao analisar o poema de Robert Burns *A Red, Red Rose*. Ele sugere que, se lido por um botânico, o poema poderia ser interpretado de forma pragmática, buscando informações sobre as variedades de rosas na Inglaterra do século XVIII. Contudo, essa leitura reduziria a obra a uma função meramente prática, ignorando a metáfora e o valor literário do poema, que utiliza a rosa como símbolo do amor.

O poema de Burns, quando lido por um horticultor interessado apenas em dados botânicos, perde seu caráter literário, sendo interpretado com objetivos externos ao texto:

“Ó meu amor é como uma rosa vermelha, vermelha / Que acaba de florescer em junho; / Ó meu amor é como a melodia / Que é docemente tocada em sintonia.” (Burns, 1794, n. p.).

Quando se considera o poema em seu contexto literário, no entanto, a metáfora da rosa se destaca por sua função estética e emocional, criando um vínculo entre o símbolo da flor e o sentimento amoroso. É nesse aspecto que a leitura não-pragmática revela a riqueza do texto, permitindo múltiplas interpretações que transcendem os limites do pragmatismo.

E de repente, lá pelas tantas, a tia Sônia foi até a cozinha e pegou uma faca, daquelas de cortar carne de churrasco, e dizia que ia matá-lo, seu filho da puta, que eu sei que você tá me traindo com aquela piranha branca. Você acha que sou idiota? O cabelo loiro dela não é melhor que o meu, seu babaca. Então, você viu também quando seu tio pegou a arma de cima da estante e apontou para ela. E a essa altura todo mundo já havia saído correndo da sala, menos você, porque a violência sempre te paralisou (Tenório, p. 71).

O trecho acima pertence ao romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório. A leitura pragmática desse trecho pode ser aquela realizada por censores ou leitores que avaliam a obra a partir de um critério moralista e utilitário. Nesse caso, o foco estaria em elementos considerados “inapropriados” para determinados públicos, tais como o uso de palavras de baixo calão, como “filho da puta” e “piranha”; a representação de violência doméstica, incluindo a menção a uma faca e uma arma e, finalmente, a abordagem de relações extraconjugais e conflito familiar.

Dessa forma, a interpretação pragmática tende a reduzir o trecho a um conjunto de fatores que poderiam “influenciar negativamente” o leitor, desconsiderando sua relevância artística e social. Esse tipo de leitura foi um dos argumentos utilizados para justificar a censura ao livro em estados como Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná.

Já uma leitura literária desse mesmo trecho busca compreender sua construção estética e seu impacto dentro da narrativa. A cena em questão não é um retrato gratuito da violência, mas um recurso literário para expressar: a) a tensão social e familiar que permeia a história do protagonista; b) a experiência do trauma e da paralisia diante da violência, que se torna um elemento central na formação do personagem; c) o uso da linguagem coloquial e do discurso direto para conferir verossimilhança e impacto emocional ao relato.

Ao início do romance, o narrador visita o apartamento do pai morto e encontra um *ocutá* (pedra sagrada de Ogum) enrolado em guias coloridas. Este gesto aparentemente cotidiano adquire densidade simbólica quando associado à voz narratorial em segunda pessoa: “lembro o dia em que você me disse que sua cabeça era de Ogum”. A construção do relato, feita de memórias fragmentadas e objetos que se tornam fantasmas, produz uma atmosfera de estranhamento que desafia a leitura pragmática. Se uma leitura moralista poderia reduzir a cena a uma suposta “apologia da macumba”, uma leitura literária reconhece que o orixá encarna a ancestralidade e a resistência presentes na trajetória de Henrique, agregando camadas de sentido à relação entre pai e filho e à própria formação do protagonista. O uso da segunda pessoa aproxima o leitor de uma experiência íntima de luto e reconstrução, evidenciando que a literatura, como postulam os formalistas, singulariza a percepção e prolonga o ato de compreender.

Outra passagem reveladora ocorre quando Pedro, ainda adolescente, descobre o discurso antirracista nas aulas do professor Oliveira. O narrador recorda que até aquele

momento “a vida não passava de um amontoado de obstáculos” e que nunca se perguntou “por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência”. A aula sobre Malcolm X, Martin Luther King e os racistas da tradição europeia, Lineu, Blumenbach, Gobineau, desencadeia uma epifania: a narrativa enumera nomes e conceitos, permitindo que o leitor acompanhe a ampliação do horizonte do personagem. Em vez de servir apenas como exposição didática, a cena revela como a educação e a leitura crítica transformam a percepção de si e do mundo. Uma leitura pragmática, focada na menção a pensadores polêmicos ou no discurso racial, poderia acusar o livro de “ideológico”; a leitura literária, contudo, percebe o movimento de tomada de consciência do protagonista e a riqueza formal do texto, que alterna discurso indireto livre e observação interior para transmitir a metamorfose subjetiva.

Mais adiante, o romance retoma o tema da violência policial ao narrar, em tom de lista, as abordagens sofridas por Henrique. Aos cinquenta anos, ele é parado em frente ao prédio onde mora e ouve pelo rádio a própria descrição: “o suspeito é negro, natural do Rio de Janeiro, estatura mediana, casaco preto”. A cena alterna o presente da abordagem com reminiscências de infância: o “paredão” de adolescentes negros humilhados pelos policiais enquanto tentavam jogar futebol, as ordens e palavrões que transformam a quadra em território de disciplina e ameaça. A montagem de tempos e experiências evidencia como a violência se repete e se internaliza, constituindo a memória do personagem. Uma leitura pragmática poderia novamente se fixar no vocabulário grosseiro ou na denúncia da brutalidade, qualificando a obra como “imprópria”; a leitura literária, ao contrário, entende que a crueza da linguagem é um recurso estilístico que denuncia o racismo estrutural, cria empatia e produz estranhamento, ativando no leitor uma consciência crítica.

Censura histórica e atual: entre moralismo, ideologia e controle social

A leitura pragmática tem servido como instrumento para justificar a censura a textos que contrariam visões morais hegemônicas. Ao reduzir a literatura a um veículo de doutrinação ou entretenimento, essa abordagem compromete a função estética e crítica da obra, especialmente no campo educacional. A censura, nesse contexto, não visa proteger o leitor, mas sim controlar a produção e circulação do pensamento.

Podemos citar episódios como *L'affaire Sade*, nos quais a censura enfrentada por Jean-Jacques Pauvert ao publicar as obras completas do Marquês de Sade revela um padrão de repressão moralista e controle estatal sobre a circulação de ideias, algo que também se observa na história da censura no Brasil. Segundo Fagner Costa Silva e José Alves Dias (2022), no contexto brasileiro, o Estado republicano historicamente utilizou instrumentos jurídicos para perseguir produções literárias que se opusessem à moralidade hegemônica ou à ideologia liberal burguesa, consolidando um projeto nacionalista excludente.

No Brasil, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 1924, e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), instituído em 1939, exemplificam a sofisticação dos mecanismos censórios. Sob o governo Vargas, a censura buscava homogeneizar o pensamento nacionalista e combater ideologias internacionalistas, como o comunismo e o anarquismo. A literatura, que se tornava um veículo de crítica social e política, foi alvo constante desses regimes, que viam na palavra escrita um perigo à estabilidade do discurso oficial. Durante a ditadura militar (1964-1985), a censura alcançou novos níveis de repressão, ampliando-se para o controle de livros, filmes, peças teatrais e músicas.

Nesse período, a autocensura por parte das editoras e a justificativa moral para proibições de obras tornaram-se práticas recorrentes. É significativo lembrar o caso de *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca: a obra foi censurada por "ferir os bons costumes" devido às suas narrativas de violência e sexualidade, apesar de não conter críticas explícitas ao regime militar. Todos os casos de censura elencados têm o mesmo modo de se posicionar em relação ao texto literário: considerando-o de forma pragmática e utilitária, como se fosse um manual a ser seguido.

Contudo, mesmo em contextos democráticos, observa-se uma retomada de discursos que buscam eliminar da esfera pública obras que abordam questões incômodas como racismo, desigualdade social e diversidade de gênero. No Brasil e nos Estados Unidos, a interseção entre agendas ultraconservadoras e a instrumentalização da leitura pragmática tem impulsionado medidas de censura que resgatam práticas autoritárias.

Recentemente, fenômenos de censura têm ressurgido em democracias contemporâneas, especialmente nos Estados Unidos, frequentemente impulsionados por agendas ultraconservadoras. De acordo com a *American Library Association* (ALA) e a PEN America, entre 2022 e 2023 mais de 2.000 livros foram proibidos ou restringidos em

37 estados, incluindo títulos como *O Diário de Anne Frank*, *A vida de Rosa Parks* e *O Conto da Aia*. Essas obras, muitas vezes focadas em temas de sexualidade, racismo e direitos das minorias, tornaram-se alvos de uma política que usa argumentos moralistas para justificar restrições.

No Brasil, casos como o recolhimento da HQ Vingadores: A cruzada das crianças no Brasil em 2019 ou o veto a obras clássicas como *Laranja mecânica* em Santa Catarina em 2023 reforçam a interseção entre censura e movimentos políticos de extrema direita, cujo objetivo parece ser silenciar debates sobre diversidade e crítica social.

Casos recentes de censura no Brasil: *O avesso da pele* e outras proibições

Em 2023, o livro *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, de Marçal Aquino, foi retirado de uma lista de leitura universitária após um parlamentar o classificar como “pornográfico”. A universidade excluiu imediatamente a obra, ignorando seu valor literário e sua complexidade narrativa (Metrópoles, 2023). O episódio revela como critérios morais e interpretações superficiais vêm sendo usados para afastar textos literários do espaço educacional.

Segundo o site G1 (2023), o parlamentar disse ter denunciado livro por “absurdos pornográficos” e que era um absurdo utilizarem o livro, já que “até alunos de 14 anos podem fazer aulas para o cursinho”. A UniRV, em resposta, disse que decidiu excluir imediatamente a obra da lista após tomar conhecimento da polêmica gerada pelo livro.

Outro exemplo é a censura de “*O avesso da pele*”, de Jeferson Tenório. A obra aborda temas como racismo e o sistema de educação falido, narrando a trajetória de Pedro, um jovem negro que revisita a história de seu pai, Henrique, o qual foi morto em uma ação policial. A narrativa acompanha o dia-a-dia de Pedro em uma tentativa de encontrar seu lugar na cidade de Porto Alegre, enquanto sofre com o racismo. A história demonstra de maneira crua e sensível o quão difíceis são os dias do protagonista, que sofre com as dores do preconceito e luta diariamente pela sua resistência.

Segundo notícia publicada pelo site G1, as secretarias de educação dos Estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná justificaram a censura alegando que o livro contém palavras de baixo calão e temas relacionados à sexualidade, considerados impróprios para menores de 18 anos. Porém, especialistas argumentam que a censura ao livro “*O avesso da pele*” (2020) está enraizada em preconceitos raciais e na tentativa de evitar discussões sobre questões sociais críticas. A obra, reconhecida por sua importância

literária e educativa, foi selecionada para distribuição escolar pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) do Ministério da Educação.

Desta forma, é ímpar que a censura limita o acesso dos estudantes a uma narrativa relevante e premiada, impedindo o debate sobre temas essenciais como racismo estrutural e violência policial, e priva os leitores de oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal. A leitura moralista ignora que o uso de linguagem coloquial e a representação da violência são recursos estéticos que conferem verossimilhança à narrativa e estimulam a reflexão crítica. Ao censurá-los, impede-se o acesso a experiências literárias fundamentais para a formação cidadã dos leitores, especialmente no que tange à discussão sobre desigualdade racial.

Além disso, a defesa de “valores tradicionais” como família e religião tem sido usada para justificar a retirada de obras que promovem a diversidade. Como mostram Bosworth (2006) e Schmidt (2007), esse tipo de censura recupera práticas fascistas históricas que moldavam a literatura a partir de um projeto homogêneo e autoritário. Hoje, no Brasil, observa-se a mesma lógica: a tentativa de impor uma moralidade única e conservadora, silenciando vozes dissidentes sob o pretexto de “proteger” a juventude.

A literatura como formação: humanização e experiência estética contra a censura

A censura à *O avesso da pele* evidencia como a leitura pragmática pode esvaziar a dimensão formativa da literatura, restringindo-a a critérios morais ou utilitários. Antonio Candido (2004) argumenta que a literatura não ensina de forma direta como um manual de conduta, mas “ensina na medida em que atua com toda a sua gama” (p. 6), humanizando o leitor ao permitir o contato com experiências complexas e contraditórias. Sua função não é moralizar, mas promover o confronto com dilemas humanos, mobilizando emoções, memórias e reflexão.

Nesse sentido, a imposição de limites ideológicos às obras literárias compromete sua capacidade de provocar o pensamento crítico. A leitura moralista, ao buscar “proteger” o leitor de conteúdos considerados inadequados, priva-o da vivência estética e simbólica que a literatura proporciona. Como afirma Candido (2004, p. 7), a literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver”, revelando camadas da personalidade e do mundo que ultrapassam o simples julgamento moral.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reconhece esse potencial, ao valorizar a formação do “leitor-fruidor”, destacando o texto literário como espaço de fruição e significação múltipla (BRASIL, 2017, p. 138). Essa concepção é reforçada por Rocha, Rodrigues e Araújo Neta (2019, p. 345), que definem a leitura como prática inesgotável, articulada às experiências do leitor. Uma leitura que reduz o texto à decodificação literal ou ao julgamento moral ignora sua complexidade estética e limita sua capacidade formativa².

Ainda nesse sentido, as professoras Rocha, Rodrigues e Araújo neta complementam que:

A leitura não é um processo simples que pode ocorrer de qualquer maneira. Pelo contrário, ler vai além das entrelinhas do texto, das informações que o texto nos fornece, inclui também as experiências do leitor, bem como a ativação de conhecimentos prévios relevantes que são auxiliares no processo de leitura e compreensão. [...] Ler se caracteriza como uma prática inesgotável, uma vez que a leitura não se esvazia, nem se perde na decifração do código linguístico[...]. (Rocha, Rodrigues & Araújo Neta, 2019, p. 345).

Com isso, as autoras evidenciam que a leitura deve ir além de uma simples decodificação: ela exige uma interação onde o leitor implemente os seus conhecimentos prévios. A leitura “mecânica” em que o leitor apenas absorve o texto, sem reflexão crítica ou requisição dos seus conhecimentos prévios, não é o suficiente. Para compreender plenamente o que está sendo dito, é necessário ir mais a fundo no texto, para que assim, consigamos compreender plenamente o que a leitura quer nos dizer e buscar os significados mais profundos.

Considerações finais

Este artigo buscou demonstrar como a leitura pragmática tem sido instrumentalizada por setores conservadores para justificar a censura de obras literárias,

² Berardinelli (2002) oferece uma perspectiva crítica à institucionalização da cultura, alertando para o risco de que a prática didática formalista neutralize a capacidade disruptiva e transformadora das obras literárias. Segundo ele, “a literatura moderna, como a antiga, tornou-se um cadáver pronto para uma vivisseção destinada a estudar sua anatomia” (Berardinelli, 2002, p. 107). Essa crítica sublinha o perigo de transformar a literatura em um objeto técnico e desprovido de vivacidade, ao passo que sua potência estética e reflexiva é relegada em favor de uma abordagem funcionalista. Esse debate se conecta à valorização da leitura literária não-pragmática presente na BNCC, que busca evitar a instrumentalização da literatura e, em vez disso, promover uma interação mais humanizadora e crítica entre o leitor e o texto.

comprometendo sua função crítica, estética e formativa. A partir do estudo de casos como *O avesso da pele*, obra de Jeferson Tenório, evidenciou-se que a literatura tem sido alvo de tentativas de controle ideológico que resgatam práticas autoritárias, disfarçadas de preocupações pedagógicas ou morais.

A leitura literária, ao contrário da abordagem utilitária, promove a formação de leitores críticos, capazes de compreender o mundo em sua complexidade. A defesa dessa perspectiva é essencial para garantir o acesso à pluralidade de vozes e experiências, especialmente em contextos educacionais.

Pesquisas futuras poderão aprofundar a análise sobre o uso ideológico da literatura no Brasil, explorando, por exemplo, a herança ambígua de autores como Monteiro Lobato e o desafio de abordar suas obras criticamente no ambiente escolar. Outra frente possível é examinar os limites das teorias formalistas — focadas na estética — diante de literaturas engajadas, como a de Conceição Evaristo, ampliando o repertório teórico para incluir abordagens que considerem raça, classe e território como categorias centrais da crítica literária.

Referências

AMADO, Guilherme. **Governo do MS citou redes sociais para censurar “O avesso da pele”**. *Metrópoles*, Brasília, 6 mar. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/governo-do-ms-citou-redes-sociais-para-censurar-o-avesso-da-pele>. Acesso em: 9 set. 2024.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA); PEN America. ***Banned in the USA: Rising School Book Bans Threaten Free Expression and Students’ First Amendment Rights***. Annual Report on Book Banning in the United States, 2022-2023.

AQUINO, Marçal. ***Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios***. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARTHES, Roland. ***O prazer do texto***. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BERARDINELLI, Alfonso. ***La littérature est-elle dangereuse? Ou de l'angoisse de l'éducateur***. *Diogène*, n. 198, p. 101-110, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/dio.198.0101>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BOSWORTH, R. J. B. ***Mussolini's Italy: Life Under the Fascist Dictatorship, 1915–1945***. New York: Penguin Books, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRAGA, Laura. **“Me choca”, diz Marçal Aquino sobre censura de livro em universidade**. [S. l.]: Metrópoles, 2 maio 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/me-choca-diz-marcal-aquino-sobre-censura-de-livro-em-universidade>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Declarações de Fernanda Garcia sobre censura no Brasil**. *Revista do Livro*, 2023.

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHKLOVSKI, Viktor. **A arte como procedimento**. Porto Alegre: Editora Globo, 1917.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Neonazismo no Brasil: da repressão à prevenção**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2022.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 1-22.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Tradução de Jorge Bastos. São Paulo: Boitempo, 1997.

FOLHA DE S.PAULO. **Governo de Santa Catarina determina recolhimento de livros em escolas estaduais**. *Caderno de Educação*, nov. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura I: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Ktetschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JORNAL O GLOBO. **Recolhimento de HQ durante Bienal do Livro no Rio de Janeiro em 2019**. *Noticiário Cultural*, set. 2019.

MÁXIMO, Natalícia Aparecida. **O que é Literatura?** *Jangada: crítica | literatura | artes*, n. 3, p. 41-49, jan.-jun. 2014.

O AVESSO DA PELE: livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas. *G1*, São Paulo, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 9 set. 2024.

OLIVEIRA, Danielle. **Ganhador do Prêmio Jabuti, Marçal Aquino tem livro retirado de vestibular após deputado criticar obra.** Goias: G1, 1 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2023/05/01/escritor-tem-livro-retirado-de-vestibular-de-universidade-apos-deputado-criticar-obra.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2025.

ROCHA, Carmem Lúcia da Cunha; RODRIGUES, Beatriz Gama; ARAÚJO NETA, Célia de Freitas. **Estratégias de leitura e a compreensão leitora: uma pesquisa-ação realizada no Ensino Médio.** *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 342-359, set.-dez. 2019.

ROCHA, Larissa. **“O avesso da pele” e a censura de livros nas escolas.** *Lunetas*, São Paulo, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://lunetas.com.br/o-avesso-da-pele-e-a-censura-de-livros-nas-escolas/>. Acesso em: 9 set. 2024.

SCHMIDT, Ulf. **Karl Brandt: The Nazi Doctor.** London: Continuum International Publishing Group, 2007.

SILVA, Fagner Costa; DIAS, José Alves. **Censura literária e repressão no Brasil republicano.** *Revista de Estudos Literários e Históricos*, 2022.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. **Banir livros: a velha prática fascista de eliminar o pensamento crítico.** *UOL Colunas*, 6 mar. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.